

PLANTÃO INSTITUCIONAL: UM DISPOSITIVO ENTRE O CAMPO DA SAÚDE E O DA EDUCAÇÃO

Adriana Marcondes Machado (CRP 06/21157) e Yara Sayão (CRP 06/14783)

O Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da USP criou essa modalidade de atendimento a partir de experiências vividas desde 1996¹, tendo como psicólogos responsáveis Adriana Marcondes Machado e Yara Sayão, com a ação voltada prioritariamente para o âmbito das escolas públicas.²

Talvez o nome ‘plantão’ seja mais inspirador do que realista, pois não se trata de estarmos de ‘plantão’ para realizar atendimentos. Nosso trabalho segue uma agenda organizada com horários e tempo de duração para cada grupo de educadores, psicólogos ou outros profissionais da rede pública de Educação ou Saúde, que se dirigem à USP para serem atendidos. Organizar essa agenda implicou rupturas em nossa rotina de trabalho, pois, nossa ação de dava, prioritariamente, nos espaços das escolas públicas.

Cada um dos grupos que participam do Plantão Institucional é constituído por profissionais de uma mesma instituição, com atendimentos mensais de duas horas e por um período em torno de dois anos. Os profissionais são das áreas da educação formal, de escolas públicas ou outros espaços educativos e muitos grupos são formados por especialistas (psicólogos, fonoaudiólogos e outros) alocados em Secretarias Municipais de Educação.

Essa montagem foi se constituindo a partir do seguinte desafio: como expandir o campo problemático vivido pelos profissionais que trabalham na área da Educação? A potência de troca, reflexão e a criação de saberes estão dificultadas nos espaços e tempos da escola pública – o que reduz o campo problemático. As políticas de governo não investem na rede pública, há carência de pessoal para o trabalho nesse setor; são péssimas as condições de trabalho do professor; há histórias carregadas de perdas, misérias, dificuldades.

Nesse cenário, somos aliadas de muitos professores que lutam pelo ensino em situações das mais adversas. Muitas histórias nos são narradas nesses encontros, tais como: um passeio cancelado na última hora, porque o ônibus da prefeitura não apareceu; o pai de um dos alunos foi preso no dia anterior; uma menina estava com sono por ter ficado até altas horas da noite pedindo dinheiro num farol; vários alunos da 7^a série ainda não conseguem ler; as crianças estavam se dando muito bem com uma professora, mas ela teve de sair porque a efetiva chegou e assim por diante; muitos professores estão doentes e pedindo licenças médicas.

¹ Desde 1996 atendemos 75 grupos.

² Dois textos subsidiaram este artigo: “Plantão Institucional: um dispositivo criador”. In Machado, Fernandes e Rocha. *Novos Possíveis no encontro da Psicologia e da Educação*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2007 e *Plantão Institucional: uma prática de atendimento psicológico entre os campos da Saúde e da Educação* (no prelo). Este trabalho será publicado nos Anais do I Congresso Luso-Brasileiro de Psicologia da Saúde, 5 a 7 de fevereiro de 2009, cidade de Faro, Portugal. Acesso: <<http://www.eventos.ualg.pt/cips>>

A escola continua sendo um espaço/tempo no qual as crianças brincam, fazem amigos, falam, perguntam, conhecem, desenham. A educação é processo imprescindível para a formação do sujeito, mas temos visto que as possibilidades tão necessárias para a produção do que chamamos de saúde têm sido pouco viabilizadas e, muitas vezes, entramos em contato com histórias nas quais a vida escolar se tornou mais um impeditivo do viver.

Expandir o campo problemático implica entrar em contato com as maneiras de pensar e valorar, e com as crenças e as representações que os profissionais têm em relação à clientela atendida, ao seu próprio fazer, ao grupo e à instituição à qual pertencem.

Ao discutirmos essas questões em grupo, vemos a abertura de um espaço para a abordagem da saúde dos profissionais e das instituições, na medida em que se cria um campo de interlocução entre: os fazeres cotidianos, as possibilidades e as limitações das instituições e a expectativa pessoal e grupal em relação ao trabalho. **Tal expansão tem possibilitado a ampliação do repertório de estratégias utilizadas para o enfrentamento das dificuldades no trabalho com crianças e adolescentes.**

Muitas vezes os profissionais levam para a discussão do grupo questões sob a forma de queixa: professores se queixam de alunos, psicólogos se queixam de professores, diretores se queixam das escolas, como se, da outra parte, faltassem atitudes, esforços, maneiras de entender e querer. As queixas revelam uma exteriorização frente à produção dos fenômenos, presente em frases tais como: “os professores resistem em conversar”, “os alunos não prestam atenção”. Tem sido muito comum nos depararmos com psicólogos que avaliam negativamente os pedidos de atendimento individual feitos por professores e que se ressentem pelo fato desses mesmos professores não quererem aquilo que os psicólogos propõem como forma de trabalho, como se a história encaminhada de um aluno não fosse efeito de um campo de relações no qual a psicologia se insere, constituindo essa prática.

Esse tipo de relação que se opera quando julga-se negativamente a maneira do outro pensar, como se o pensamento dele fosse impedimento ao nosso trabalho, estabelece um vínculo de desigualdade, porque fica parecendo que a forma correta de agir é a de quem está julgando o outro³. Ora, as coisas acontecem como efeitos das relações estabelecidas – um dispositivo que medicaliza questões sociais irá produzir doentes - então a forma queixosa ou a resistência a uma certa proposta é efeito da constituição de nossos trabalhos também.

Durante o atendimento no Plantão Institucional é fundamental que se opere uma transposição à maneira queixosa pela qual as demandas se apresentam. Essa maneira se institui, cria suas formas, a partir de um campo de forças que implicam relações de saber e poder. A nós, interessa ter acesso ao processo de produção desses saberes e formas, para, a partir daí, derivarmos. Isso nos remete ao manejo, ao modo de trabalhar durante os atendimentos.⁴

Resumidamente, alguns dos funcionamentos dessa nossa prática são os seguintes:

- Busca de um campo comum que se estabelece entre a demanda e nosso trabalho, como, por exemplo, o pedido de ajuda e a possibilidade de reflexão estão presentes em demandas do tipo: “preciso saber o que esse aluno tem de problema”;

³ Em relação a esse tema, há um texto intitulado “A produção de desigualdade na prática de orientação” (de Adriana Marcondes Machado), no site <http://www2.fe.usp.br/~cpedh/>

⁴ O aprofundamento dessa discussão encontra-se nos dois artigos citados na segunda nota de rodapé.

- Em cada encontro definimos, com o grupo, os temas ou situações que serão trazidas para o encontro seguinte. Coordenamos de forma a focar as discussões nas questões trazidas pelos educadores no sentido de estimular a formulação de hipóteses relacionadas às práticas exercidas e aos conceitos que as sustentam. Essas hipóteses, muitas vezes, são diferentes entre os membros do grupo e, por isso, o manejo do grupo se volta para permitir e cuidar de um clima no qual existem divergências, discussões, contágio, escuta. Se as discussões recaem para o âmbito pessoal procuramos, nessas relações, aquilo que o funcionamento do trabalho intensifica: o que acontece na passagem das 4as para as 5as séries que tem produzido tantas divergências entre alguns professores?
- Muitas vezes, o foco é a discussão da história de um aluno cujo trabalho com ele está paralisado. Essa história ganha estatuto de uma situação-problema, ou seja, problematiza o instituído.
- Retomada das mudanças históricas que tiveram efeitos nas relações educacionais, por exemplo, de como a relação educadoras de uma creche *versus* mães das crianças é reflexo de mudanças na concepção de ensino infantil (de assistência a mães que trabalhavam fora para direito de educação da criança);
- O enfrentamento em relação ao idealizado para que se permita a criação de possíveis, buscando as necessidades pessoais e institucionais para a produção desses possíveis. Muitas vezes fala-se que determinados alunos *deveriam* ser diferentes do que são e isso nos tem levado a pensar na necessidade de melhoria na formação para o trabalho com a diversidade na sala de aula e tempo para a discussão entre os professores em torno de processos pedagógicos singulares;
- Estranhamento de termos naturalizados, como se tivessem um sentido único, por exemplo, “a criança precisa *lidar* com isso” (mas como seria esse *lidar*?) ou “acho que ele tem hiperatividade” (e o que seria isso?);
- Recorremos à análise e discussão das diferentes funções das pessoas que participam do grupo perante as necessidades que se estabelecem. Essas funções são delimitadas oficialmente e dependem da característica singular de cada sujeito que as ocupam e sua relação com os demais membros do grupo de trabalho;
- A visibilidade da produção social de certos temas que não dependem apenas da escola, mas que implicam articulação também com outros equipamentos, por exemplo, a grande presença de alunas jovens grávidas em certa região.